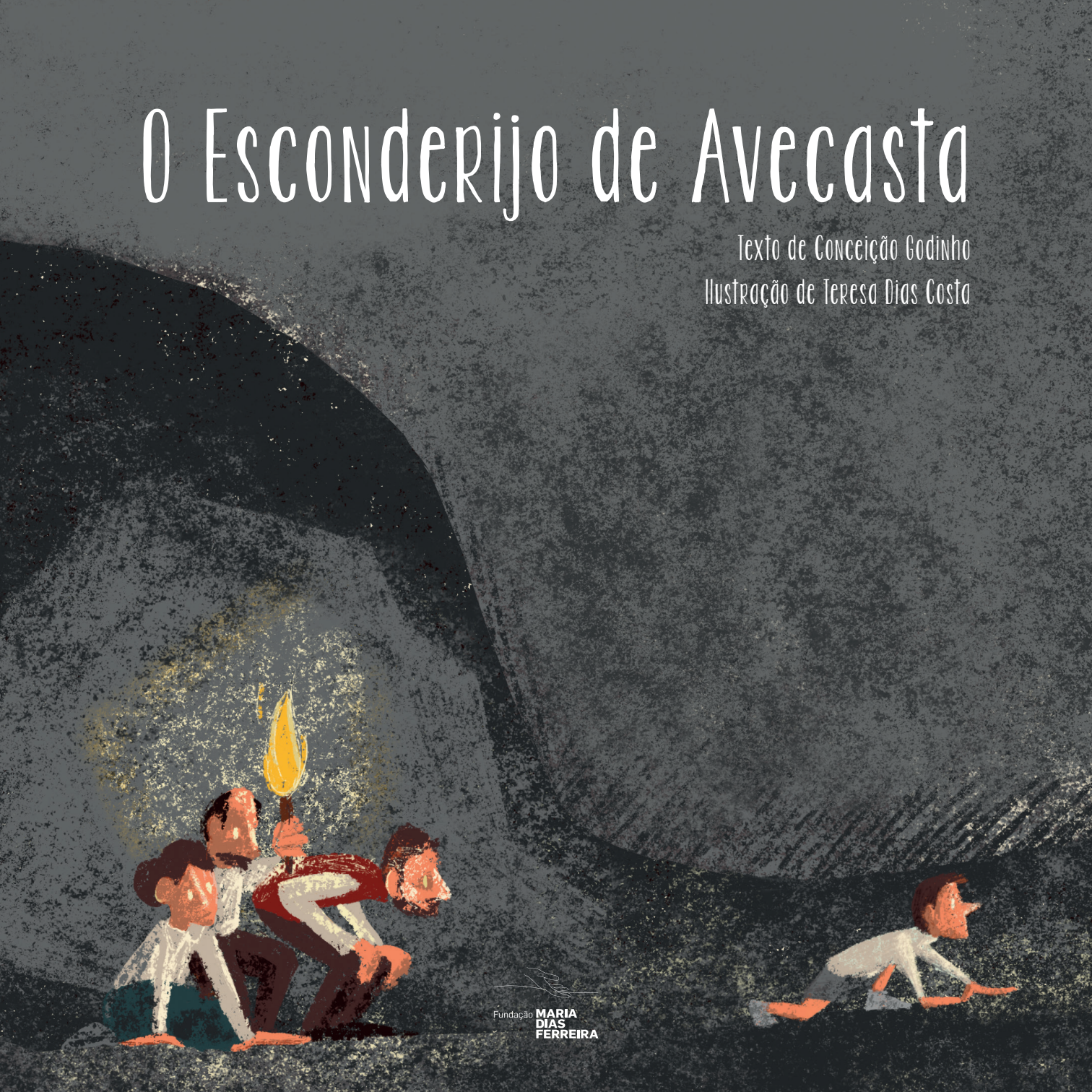
O Esconderijo de Avecasta

Texto de Conceição Godinho
Ilustração de Teresa Dias Costa



Fundação MARIA DIAS FERREIRA

EDIÇÃO: Fundação Maria Dias Ferreira
e Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere
COLEÇÃO: Lendas e Narrativas de Ferreira do Zêzere
AUTORIA: Conceição Godinho
ILUSTRAÇÃO: Teresa Dias Costa
COORDENAÇÃO: José Afonso Sousa
REVISÃO: Cátia Salgueiro
COLABORAÇÃO: Rute Tavares
DESIGN E PAGINAÇÃO: Sylvie Lopes
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Rainho e Neves, Lda
ISBN: 978-989-99893-4-4
DEPÓSITO LEGAL: 461129/19
TIRAGEM: 400 exemplares
Ferreira do Zêzere, 2019

O Esconderijo de Avecasta

Inspirado na lenda original sobre a gruta de Avecasta
relatada por José Jesus Silva,
moleiro e habitante de Avecasta
–
Avecasta, Areias

A literatura infantil é um dos segmentos mais dinâmicos do mercado editorial nos nossos dias, permitindo que as crianças, desde cedo, tenham contacto com os livros e se acostumem à sua textura, ao seu formato, ao seu cheiro e a um universo imenso de imaginação e possibilidades.

Com a coleção **"Lendas e Narrativas de Ferreira do Zêzere"**, a Fundação Maria Dias Ferreira e a Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere procuraram agregar as histórias, as lendas e os contos mais significativos que existem neste concelho, prosseguindo assim o seu objetivo de divulgação do rico património aqui existente.

Após mais de uma dezena de publicações desenvolvidas pela Fundação Maria Dias Ferreira que tiveram como público privilegiado os adultos, esta coleção, realizada em parceria com a Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere, tem como alvo específico as crianças, nas quais se procura assim estimular a compreensão e a imaginação, ao mesmo tempo que se entretêm e adquirem conhecimentos e valores.

Com base na história de Ferreira do Zêzere, estes livros, escritos numa linguagem simples e com ilustrações apelativas, pretendem proporcionar às crianças uma abertura a novos mundos, contribuindo para a sua diversão e lazer, ao mesmo tempo que, de um modo didático, as levam a encontrar respostas por elas mesmas.

Esperamos que estas histórias, que apelam ao imaginário das crianças, proporcionem momentos lúdicos e contribuam para incrementar o seu gosto pela leitura e pela descoberta de fragmentos da história do concelho.

Um agradecimento especial aos autores e ilustradores que, na sua rica diversidade, tão bem souberam captar o espírito pretendido.

O Presidente da Fundação Maria Dias Ferreira

José Afonso Sousa

O Esconderijo de Avecasta

Texto de Conceição Godinho
Ilustração de Teresa Dias Costa

Fundação MARIA DIAS FERREIRA

VILA DE FERREIRA DO ZÊZERE

De **boca**
em
boca,
de **geração**
em
geração,

na pequena localidade de Avecasta são lembradas histórias e lendas sobre uma gruta dos arredores.

Segundo relatos da população local, esta serviu de refúgio aos habitantes da aldeia durante as invasões francesas, há cerca de duzentos anos.

Nessa época, a aldeia foi surpreendida por dois cavaleiros portugueses a gritar:
– *Fujam, fujam, que vem aí muita gente!*

Apavorados,
os habitantes refugiaram-se
na gruta

e taparam a entrada com um muro de sete paredes, deixando apenas uma pequena abertura por onde uma criança, João, filho de um ilustre soldado ao serviço do rei, saía diariamente para ir buscar alimentos.

Após cada saída e entrada do rapaz, o buraco era coberto com um ramo fresco.

Quando os franceses chegaram, encontraram a aldeia deserta. Ficaram intrigados com este lugar-fantasma cujos campos cultivados, casas limpas, celeiros cheios e currais com animais deixavam pairar uma sensação de desconforto.

Os soldados sentiam-se observados e entregues a uma armadilha, uma presa na boca do lobo. Pressentiam a presença dos habitantes nas redondezas.

Instalaram-se e aguardaram. Abriram as arcas nas casas dos moradores, deram cereais aos cavalos e serviram-se das panelas ainda fumegando ao lume das lareiras.

À noite, ocuparam as aconchegadas camas, ficando dois deles de vigia.

Os aldeões espreitavam todas as manhãs pelo buraquinho da gruta, tentando avistar as tropas e aguardando pela ausência dos franceses para que o pequeno João pudesse sair.

Francis, um dos soldados de Napoleão, era o mais valente e destemido do grupo. Desconfiado por não ter regressado nenhum habitante, escondeu-se numa das casas, enquanto os colegas montaram os seus cavalos e saíram da aldeia.

Mal João se escapuliu da gruta e entrou na povoação, foi surpreendido pelo cavaleiro, que saiu do local onde vigiava e começou a correr atrás da criança, por entre campos e moitas. João conhecia muito bem a aldeia e os seus esconderijos.

Junto aos campos de trigo,
havia uma oliveira milenar
de grandes dimensões,
oca por dentro.
Ali se refugiou para fugir
do inimigo.

Os cavaleiros regressaram.

Francis contou-lhes esta aparição, não conseguindo entender o desaparecimento da criança.

Tudo acontecera como se de um feitiço ou um ato diabólico se tratasse. Um arrepio invadiu-lhe a alma.

Esta mescla de pavor e raiva começou a contagiar os outros soldados. Os homens desamarraram os alforges com o saque do dia que pendiam das selas dos seus cavalos e começaram a vasculhar o terreno, em busca de provas ou de um sinal de presença humana.

Um deles, afastando umas ramagens, chegou junto a uma saliência rochosa que se erguia, abrupta, perto do aglomerado das casas. Avançou entre o matagal até ao rochedo.

Ali se desenhava uma possível cavidade tapada com um muro de pedra construído por mão humana. Chamou os colegas.

Munidos de ferramentas que encontraram nos celeiros, começaram a derrubá-lo. No entanto, para espanto destes, atrás daquele muro havia outro… No dia seguinte, arregaçaram as mangas e demoliram o segundo muro. Mal começaram este trabalho de demolição, um terceiro muro foi posto a descoberto… Contudo, não se deram por vencidos. Na manhã seguinte, voltaram a juntar picaretas, machados e sacholas e, ardentemente, deitaram ao chão o quarto muro, desvendando ainda uma quinta construção…

Francis e os colegas não queriam acreditar no que viam após cada demolição. Como por encantamento, a cada muro que caía por terra, renascia um outro muro. Da mesma forma que aquela criança se escapuliu e desaparecera no meio do campo de trigo por detrás de uma árvore, num clarão mágico e encantado, assim aquela rocha gigantesca dava à luz um novo muro sempre que as tropas destruíam o que visivelmente tapava alguma provável entrada.

Cansados de deitar abaixo paredes que voltavam a reerguer-se, desistiram depois de partir a sexta.

O povo salvou-se,
no sétimo dia
de destruição,
na sétima parede,
no místico
número sete...

E como todas as novidades que correm de boca em boca, e que voam mais depressa que o vento, o pai do João veio a saber, no campo de batalha, que a sua aldeia estava em perigo e, com ela, a mulher e o filho. Regressou e hospedou-se num lugarejo próximo. Pagou a diligência e escondeu-se, preparando-se para entrar em Avecasta.

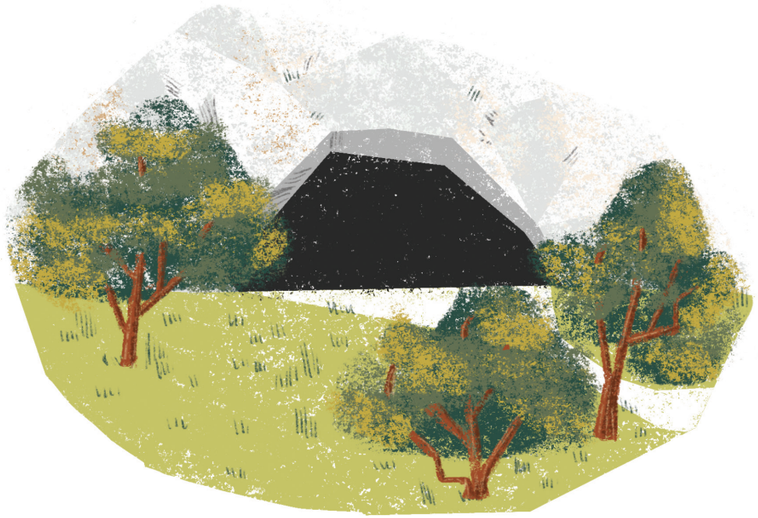
Ouviu rumores de que os franceses se tinham instalado na aldeia e que se deslocavam, com regularidade e em grupo, às terras vizinhas,

pilhando casas, capelas e igrejas, despejando-as do seu ouro, imagens valiosas e caixas de esmolas.

Todos temiam aquela coluna de cavaleiros que surgia na base do outeiro de Avecasta. Dizia-se que, debaixo das suas capas, se avistavam armas afiadas e de fogo.

O nobre soldado dirigiu-se a cavalo a São Pedro do Castro, onde rezou fervorosamente, pedindo auxílio ao santo para a missão que o aguardava: defender a sua aldeia e os seus. No alto da colina do Castro, lembrou as velhas histórias que o seu pai lhe contara em pequeno:

– Avecasta, meu filho, serviu de casa à mais antiga humanidade de que reza a história. Na nossa gruta abrigaram-se homens desde o Paleolítico até à época romana. Ao longo dos séculos, a aldeia desenvolveu ali a arte de trabalhar os metais nas forjas. Ali, filho, naquela enorme cavidade, no século XII, também se terão escondido muçulmanos em luta contra os cristãos. O sal-gema que se encontra nas suas profundidades mostra-nos que o mar já cobriu toda esta região e que, provavelmente, esta cavidade serviu de refúgio a espécies marinhas nos primórdios da criação do planeta.



Aquela recordação arrepiou-o!
Era como uma visão.
Uma mensagem do Céu!
Sim, os aldeões estavam vivos!

Então, relembrou ainda as sábias palavras do seu pai:

– A Gruta de Avecasta, meu filho, foi sempre testemunho de benevolência e equilíbrio para o homem que se perde e precisa de se reencontrar, abrigando, dentro do seu ventre, toda a aldeia.

A aldeia estaria escondida na gruta?

O bom homem deitou os joelhos por terra, chorou e agradeceu aos Céus. Sentiu-se coberto de coragem e ânimo para vencer esta batalha.

Dirigiu-se à aldeia e, já perto desta, desceu do seu cavalo para que o inimigo não o ouvisse chegar. Subiu até ao cimo de um carvalho grande e frondoso e observou... Os franceses entravam e saíam das casas.

Na praça tinham uma fogueira acesa, onde assavam um javali. Já não haveria gado nos currais e pastagens.

Entre palavras, numa língua desconhecida, ouvia risos. Há quantas semanas teriam eles ocupado a aldeia?

Ficou ali, no cimo da árvore, horas a fio, a observá-los sem se mexer. Finalmente, os soldados montaram a cavalo e saíram do aglomerado numa nuvem de poeira.

O bom homem dirigiu-se à gruta... O chão a seus pés era um campo de devastação. Eram pedras sobre pedras.

O seu coração batia mais forte.
Donde vinha tanta pedra?
E que muro era aquele à entrada da gruta?

– Alguém me ouve?
Está aí alguém! – gritou ele.

Ouviu então vozes vindas do interior. Distinguiu a da esposa:

– António,
o João não voltou!

Por detrás dele, o soldado ouviu um ruído estranho.

Uma figura horrenda, de barbas ruivas, cabelos desgrenhados, grande como um Adamastor, dirigia-se a ele: era Francis. O soldado tentava ainda descobrir o esconderijo dos aldeões e não tinha saído com os colegas.

António fugiu, fugiu o mais rápido que podia e lembrou-se do que sempre dizia ao seu filho:

– No perigo, foge para a oliveira milenar!

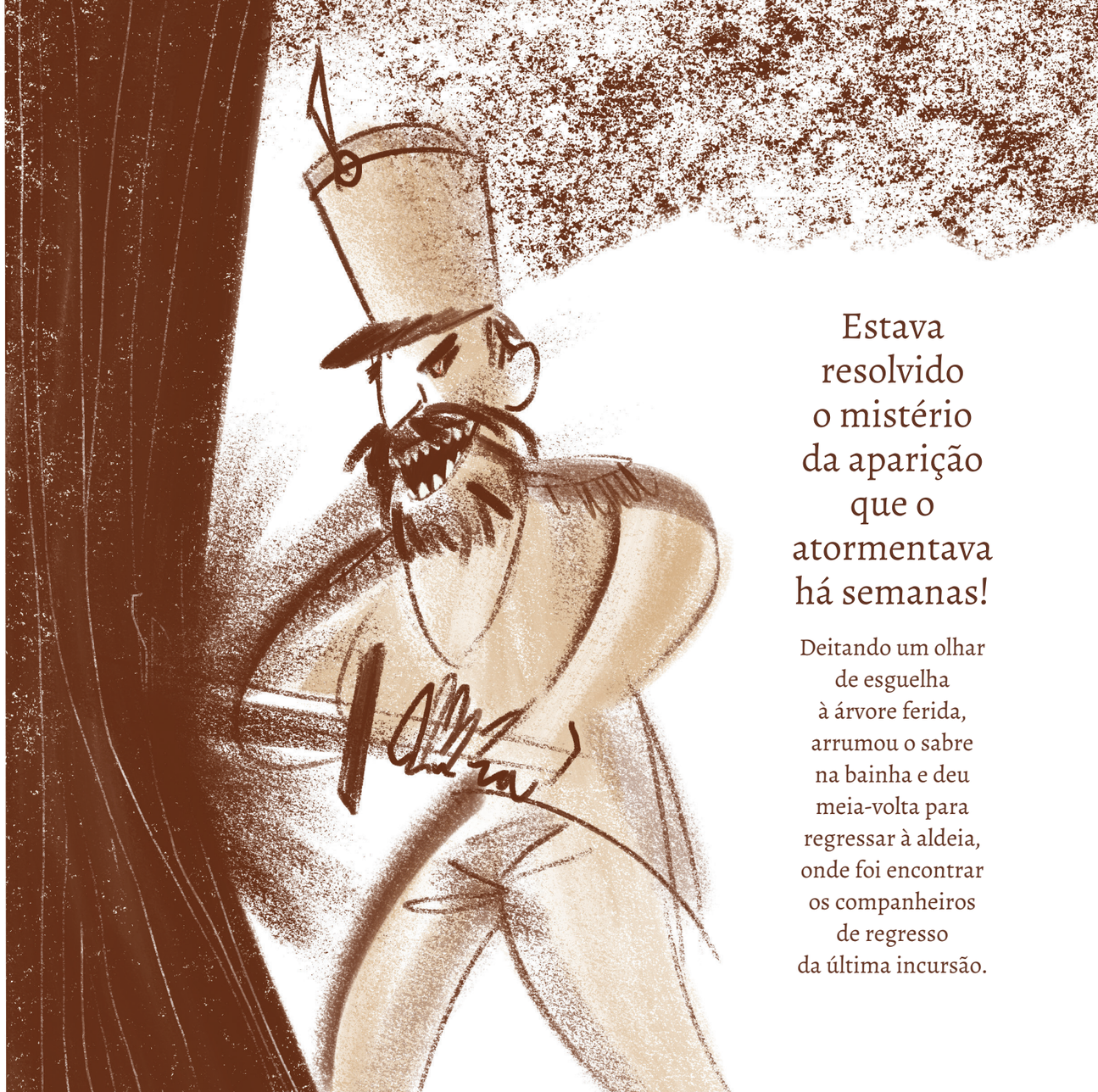
E assim fez. Ao chegar à oliveira, deparou-se com um cenário de terror: João estava lá escondido.

– Não posso entregar o meu filho ao inimigo!

– pensou aterrado e, gritando para o filho:

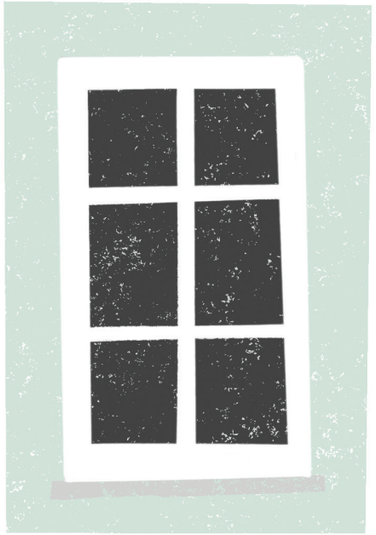
A criança saiu apavorada
e correu pelo meio dos
campos de trigo.

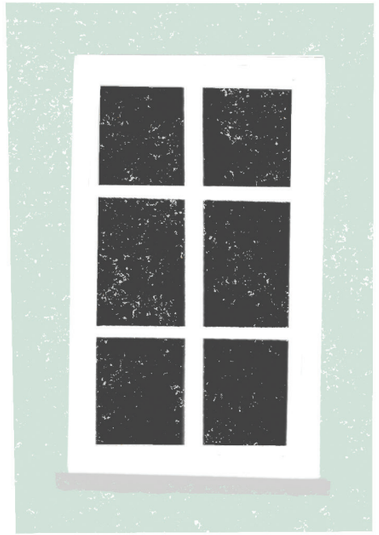
Então,
Francis ergueu
a sua espada
e, com um
riso infernal,
descobriu
o esconderijo
e trespassou
a oliveira.



Estava
resolvido
o mistério
da aparição
que o
atormentava
há semanas!

Deitando um olhar
de esguelha
à árvore ferida,
arrumou o sabre
na bainha e deu
meia-volta para
regressar à aldeia,
onde foi encontrar
os companheiros
de regresso
da última incursão.





Depois de ouvirem o extraordinário relato de Francis, os soldados decidiram que era tempo de sair da aldeia. As riquezas da região estavam esgotadas e os últimos saques já não rendiam. Finalmente, abandonaram Avecasta rumo a novas terras que lhes pudessem trazer mais tesouros.

Por sua vez, António, que se tinha feito de morto deixando-se ficar imóvel dentro da oliveira, logo que apanhou Francis pelas costas, retornou à povoação onde, escondido, assistiu à decisão e partida dos soldados franceses.

Cheio de entusiasmo, correu até à gruta, onde já se encontrava o filho, e deu conhecimento da boa nova: os franceses tinham partido; todos os aldeões podiam regressar à aldeia, sem perigo!

Os aldeões saíram da gruta protetora e voltaram a ocupar as suas casas, a cultivar os seus campos, a encher os seus celeiros e a cuidar dos seus animais.

As crianças brincavam felizes nas ruas e a alegria voltou à lindíssima povoação de Avecasta.

A esperteza e a coragem destes homens, mulheres e crianças depressa se espalhou por toda a região e a aldeia nunca mais passou por uma aflição destas.

GLOSSÁRIO

–

ABRUPTA – íngreme; muito inclinada ao ponto de ser difícil de subir.

ALFORGES – bolsa grande dividida ao meio para colocar sobre uma montada ou para trazer ao ombro.

APARIÇÃO – visão que não se consegue explicar.

AUSÊNCIA – não estar presente em certo lugar.

BENEVOLÊNCIA – bondade.

DE ESGUELHA – de lado.

DESGRENHADOS – despenteados.

DESTEMIDO – que não tem medo; corajoso.

ESCAPULIU – fugiu; escapou de algo ou de alguém.

FORJAS – oficina e instrumentos para trabalhar o ferro ou outros metais.

INTRIGADOS – cheios de curiosidade e admiração; desconfiados.

MILENAR – que tem mil anos ou mais de mil anos.

MÍSTICO – em que há mistério ou que não se consegue compreender pela razão; espiritual.

PILHANDO – roubando.

SAQUE – roubo.

VENTRE – a parte mais interior; barriga, abdómen.

TÍTULOS DA COLEÇÃO JÁ PUBLICADOS:

A CINTA DO SEAREIRO
A LENDA DO ARADO DE OURO
A MULHER-ÁRVORE
A TORRE DO LADRÃO GAIÃO
AMIGOS DE SÃO SATURNINO
FERREIRA DO ZÊZERE INSPIRA ALFREDO KEIL
GUILHERME E O ACHAMENTO DA SENHORA DO PRANTO
O ESCONDERIJO DE AVECASTA
O MISTÉRIO DA SENHORA DAS AREIAS
O ROUBO DA SENHORA SANTA
O SEGREDO DA CABRIEIRA
UM TESOURO DE LUZ – INCLUI EDIÇÃO BRAILLE
VIVA O REI

LENDAS & NARRATIVAS
DE FERREIRA DO ZÊZERE

COLEÇÃO: LENDAS E NARRATIVAS DE FERREIRA DO ZÊZERE

DESCOBRE UM FABULOSO TESOURO DE LENDAS, CONTOS E HISTÓRIAS
DO CONCELHO DE FERREIRA DO ZÊZERE,
ATRAVÉS DE TEXTOS E ILUSTRAÇÕES INSPIRADOS EM NARRATIVAS
QUE FORAM SENDO TRANSMITIDAS DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO.

Fundação MARIA DIAS FERREIRA

VILA DE FERREIRA DO ZÊZERE